

Opinião da Imprensa sôbre o 1.º número da 3.ª série da CONTEMPORANEA



REAPARECEU hoje a *Contemporanea*, admirável tentativa de arte e de literatura modernas, que se deve, sobretudo, ao seu director, o architecto José Pacheco.

O n.º 1, da 3.ª série publica, além de variada e brilhante colaboração, três gravuras, indicando os erros de colocação dos ladrilhos dos tão discutidos painéis.

DIARIO DE LISBOA, 13-5-926.



ACABA de publicar-se o 1.º numero da 3.ª série da revista *Contemporanea*, que se propõe defender a politica de aproximação ibero americana. Apresenta-se com o mesmo aspecto artistico e original dos numeros anteriores e traz valiosa colaboração literária e artística, como se vê pelo seguinte sumário:

«Hora decisiva», por Peres Trancoso, antigo ministro, official da Armada; «Breve comentário á politica ibero-americana», por Celestino Soares, Governador Civil de Portalegre; Dois sonetos inéditos, de Camilo Pessanha; «A união ibero-americana», por Noé de Azevedo, advogado brasileiro; «Hora de sol», por Fernanda de Castro; «Gravura em madeira», por Francisco Franco; «El inferno inocente», por Eduino de Móra, Secretario da Legação de Cuba; «Carte-postale», por Gil Vaz; Uma carta de José Luciano de Castro; Retrato, por Eduardo Malta; «Camilo Pessanha», por João de Castro Osório, Advogado; Desenho, por Paim; «Apoteose», por Carlos Queiroz; «A experiencia e o juizo, segundo Francisco Sanches», por Luís de Castro e Almeida Norton de Matos, Advogado; «A côr dos sons», por Judite Teixeira; «O menino de sua mãe», por Fernando Pessoa; Verdadeira disposição dos discutidos painéis do Museu de Arte Antiga — Esquema geometrico comprovativo da verdadeira disposição — Perspectiva dos ladrilhos reveladora do desacerto e acerto das respectivas tábuas.

A *Contemporanea*, que continua sendo dirigida por José Pacheco, mantém, na nova fase, o seu lugar de destaque entre as melhores publicações portuguesas da sua indole.

O SECULO, 14-5-926



COM a magnificência gráfica, que lhe conquistara tão avultante renome no nosso meio literário, reapareceu, com o 1.º numero da 3.ª série, esta bela revista «feita expressamente para gente civilizada», «feita expressamente para civilizar gente». Dirige-a ainda o sr. José Pacheco, e colaboram nas suas paginas alguns escritores de mente e metodo, se-não renovadores, pelo menos inovadores na bisarria da forma do conceito.

A colaboração gráfica e interessante é esplendidamente executada.

De toda ela, porém, ha a salientar as três magnificas e concludentes estampas, em «couché», dos painéis de S. Vicente ou do Infante Santo.

A séde da *Contemporanea* é na travessa do Fala-Só, 24 — Lisboa.

A EPOCA, 16-5-926



ACOLHEMOS com intenso jubilo e o mais fervoroso entusiasmo o reaparecimento da admirável revista *Contemporanea*. Má prova dará o país da sua mentalidade artística e a sociedade portuguesa do seu grau de cultura e civilização, se regatear a tão brilhante iniciativa o seu auxilio moral e material.

Entre nós, as publicações dispendiosas lutam com o tremendo flagelo das tiragens limitadas — e raro conseguem transpôr tão respeitavel obstáculo. Dentro da acanhada relativa do meio e em face do confuso desorientamento duma produção excessiva e nem sempre superior, o espirito de iniciativa, ainda quando desempoeirado e nobre, sente se preso e algemado pela tirania da estreiteza do ambiente — e sucumbe, mais tarde ou mais cedo, com uma ilusão de perda e um desanimo de acrescento. E' a absorção do pensamento progressivo pelos tentáculos retrógrados das ideias locais; a paralização do desenvolvimento criacional pela inércia desconcer ante dos que não pretendem evoluir; a conquista de presas incautas e proporcionadamente fraca pelo polvo dum escol cujas doutrinas, um dia empenadas, difficilmente se dispõem a abandonar o criterio que lhes assiste.

Quando, portanto, um grupo de novos, como este a que preside o talento de José Pacheco — novos pela intelligência e pela data do nascimento — arremete assim, triunfantemente, pelos campos da arte e da literatura, transformando, modificando, impondo, convencendo, parece-nos que surge, então, motivo sobejo para que se curve, com admiração e com respeito, a bandeira das anti qualhas estereis, diante do caudal impetuoso duma corrente inovadora, moderna e moça.

O número, agora saído, da *Contemporanea*, opulento de sumo e magnifico em seu aspecto gráfico, é principalmente dedicado ao «Ibero-americanismo». Na sua colaboração literária e artística figuram os nomes de Peres Trancoso, Celestino Soares, Camilo Pessanha, Noé de Azevedo, Fernanda de Castro, Francisco Franco, Eduino de Móra, Gil Vaz, José Luciano de Castro, Eduardo Malta, João de Castro Osório, Paim, Carlos Queiroz, Luís de Castro e Almeida Norton de Matos, Judite Teixeira e Fernando Pessoa. Apresenta ainda a questão dos painéis duma forma breve, clara e expressiva, que pode ser aprendida ainda pelos que não tenham estudado o assunto.

Digamos duas palavras sobre o «Ibero-americanismo».

O «Ibero-americanismo» é hoje mais do que uma ideia em marcha — é uma necessidade imperiosa para a civilização ibérica. A obra civilizadora dos povos da peninsula, nobre e generosa em suas intenções, elevada em suas aspirações de liberdade e perfeitamente definida em suas características sociológicas, que não podemos desenvolver em tão estreitos limites de espaço, tem de precaver-se contra as tendências absorventes, ambiciosas e cubiçosas do imperialismo anglo-saxónico.

Tivemos já o ensejo de participar com um quinhão de ordem sentimental nas relações culturais luso-brasileiras. Sabemos bem que é tempo de entrar decididamente no campo das realizações práticas, à margem da retórica vasia e de fraseologia bombástica. Mas essa embaixada de coração e de alegria que foi a dos estudantes portugueses às Terras de Vera Cruz, representa, pelo largo alcance dos seus efeitos, um empreendimento

que convem não esquecer. Só é possível passar aos acórdos efectivos quando as almas vibrarem em perfeito sincronismo de affectos e sentimentos.

Urge portanto, agora mais do que nunca, abandonar palavras inuteis — e construir. A politica ibero-americana tem de continuar e dilatar-se e alargar-se, com intelligência de organização e orientação. A Espanha já fez soar o toque de rebate. Portugal que tão alto e digno papel colonizador dempenhou na América do Sul, não poderá manter-se em platonismo de atitudes.

O bloco luso-hispano-americano constitui, no seu conjunto, uma força invisível. Os seus destinos estão nitidamente marcados. E cumpre-lhe desenvolver o seu instinto de cooperação e sociabilidade para resistir á actividade politica dos anglo-saxões — e possivelmente absorvê-la até.

Por tudo isto, o reaparecimento da *Contemporanea* deve ser saudado com jubilo. E aqui frizamos a clareza e importância dos dois estudos que a revista insere, da autoria de Celestino Soares e Noé de Azevedo.

DIARIO DE NOTICIAS, 17-5-926



REAPARECEU a interessantissima revista *Contemporanea*, com escolhida colaboração literária e artística, continuando a dirigir-a o distinto architecto José Pacheco.

Entre vários artigos interessantes destacam-se o de Peres Trancoso, *Hora decisiva*, e *A União Iberoamericana*, pelo advogado brasileiro Noé d'Azevedo.

Da colaboração gráfica salientamos as estampas dos painéis de Nuno Gonçalves.

A TARDE, 17-5-926



A *Contemporanea*, magnifica revista dirigida por José Pacheco, relativa ao mês corrente, appareceu-nos hoje. Não desmente os seus créditos nem desacredita os números anteriores. Insere magnifica colaboração e interessantes illustrações sôbre assuntos de palpitante actualidade.

DIARIO DA TARDE, 18-5-926



O REAPARECIMENTO da magnifica revista *Contemporanea* (já o escrevi no diário em que trabalho e volto a consigná-lo aqui, porque de todo se me não afigura inútil) marca um acontecimento digno de registo. Acolhi-o com intenso jubilo e o mais fervoroso entusiasmo. E má prova dará o país da sua mentalidade artística e a sociedade portuguesa do seu grau de cultura e civilização, se regatear a tão brilhante iniciativa o seu auxilio moral e material.

Entre nós, as publicações dispendiosas lutam com o tremendo flagelo das tiragens limitadas — e raro conseguem transpôr tão respeitavel obstáculo. Dentro da acanhada relativa do meio e em face do confuso desorientamento duma produção excessiva e nem sempre superior, o espirito de iniciativa, ainda quando desempoeirado e nobre, sente se preso e algemado pela

tiranía da estreiteza ambiente — e sucumbe, mais tarde ou mais cedo, com uma ilusão de perda e um desânimo de acrecento. E' a absorção do pensamento progressivo pelos tentáculos retrógrados das ideias locais; a paralização do desenvolvimento creacional pela inércia desconcertante dos que não pretendem evoluir; a conquista de presas incautas e proporcionadamente fracas pelo polvo dum escól cujas doutrinas, um dia empenadas, difficilmente se dispõem a abandonar o critério que lhes assiste.

Quando, portanto, um grupo de novos, como êste que é animado pelo talento de José Pacheco, arremete assim, triunfantemente, pelos campos da arte e da literatura, transformando, modificando, impondo, convencendo, parece-nos que surge, então, motivo sobejo para que se curve, com admiração e com respeito, a bandeira das antiquilhas estereis, diante do caudal impetuoso duma corrente inovadora, moderna e moça.

E êste número inicial da nova série da revista, opulento de sumo e soberbo de apresentação gráfica, tem ainda o particular interesse de definir o seu novo programa orientador, elaborado no sentido de contribuir, eficazmente, para mais forte aproximação ibero-americana. Dentro dêste objectivo, os trabalhos de Celestino Soares e Noé de Azevedo, doutrinários, ponderados e inteligentes, revestem-se duma importância que não me canço de apoiar e aplaudir.

O Ibero-Americanismo é hoje mais do que uma ideia em marcha — constitui uma necessidade imperiosa da civilização ibérica. A obra civilizadora dos povos da península, nobre e, generosa em suas intenções, elevada em suas aspirações, de liberdade e perfeitamente definida em suas características sociológicas, *tem de precaver-se contra as tendências absorventes*, ambiciosas e cubiçosas do *imperialismo anglo saxónico*.

Tive já o ensejo de participar com um quinhão de ordem sentimental nas relações culturais luso-brasileiras — capítulo que definitivamente se integra dentro do problema ibero-americano. Foi quando da viagem dos estudantes portugueses á Pátria-Irmã de Além-Atlântico — embaixada de corações e de alegria que teve o condão de pôr a vibrar as almas de cá e lá em perfeito sincronismo de affectos e sentimentos.

Agrada-me, pois, a simpática perspectiva de passar das palavras ás obras, aproveitando até os resultados de largo alcance dêsse extraordinário empreendi-

mento da academia e entrando decididamente no ciclo das realizações práticas, á margem de retórica vazia e fraseologica bombástica. Agora mais do que nunca, se torna urgente edificar e construir. A política do ibero-americanismo tem de continuar e dilatar-se e alargar se, com intelligência de organização e orientação. A Espanha já fez soar o toque de rebate. Portugal, que tão alto e digno papel colonizador desempenhou na América do Sul, não poderá manter-se em platonismo de atitudes.

O bloco luso-hispano-americano constitui, no seu conjunto, uma força invencível — tive a honra de proclamá-lo em terra brasileira, com verbo entusiasmado e repito o agora. Cumpre-lhe desenvolver o instinto de cooperação e sociabilidade dos seus povos para que possa resistir á temível actividade política dos anglo-saxões — que ninguém sabe bem até onde pretendem chegar, sob as falsas aparências duma paz incerta, se não se opuzer uma barreira intransponível á torrente de ambições do seu egoísmo ráxico.

Meditemos nisto — e não percamos tempo!

Lisboa, Maio, 1926.

PAULO DE BRITO ARANHA.

GAZETA DE COIMBRA, 22-5-926



DIRIGIDA pelo ilustre artista José Pacheco, recebemos o 1.º número da nova série desta admirável revista, que mantém aquele brilho de arte moderna que a torna iuconfundível desde a sua aparição.

A *Contemporanea* destina-se agora a uma larga e inteligente propaganda pan-iberista, sendo o órgão da colaboração ibero-americana. José Pacheco, habil director da nova publicação, tem neste número um grande successo de Arte e de literatura.

O DOMINGO ILUSTRADO, 23-5-926



DA magnífica revista *Contemporanea*, que reapareceu enriquecida no texto, pela apresentação e pela colaboração — e que é uma publicação portuguesa e progressiva, sem intolerancias nem desatinos — queremos transcrever alguns trechos de dois artigos, um do ilustre official de Marinha, ex-ministro sr. Peres Trancoso, e outro do distintissimo publicista sr. dr. Celestino Soares. O primeiro encara o

problema português de alem-mar; o segundo faz um breve e esclarecido comentário á politica ibero-americana, que tanto interessa a Portugal.

A *Contemporanea*, da direcção do nosso amigo sr. José Pacheco, continua a bem merecer do publico culto e patriota.

DIARIO DE LISBOA, 26-5-926



RECEBEMOS e agradecemos n.º 1, da 3.ª serie, da elegante revista mensal, *Contemporanea*, dirigida por José Pacheco e editada por Gil Vaz.

O sumário dêste número consta dos seguintes artigos e versos: *Hora decisiva*, por Peres Trancoso; *Breve comentário á politica ibero americana*, por Celestino Soares; *A união ibero americana*, por Noé de Azevedo; *Hora de sol*, por Fernanda de Castro; *El infierno inocente*, por Eduino de Móra; *Carte-Postale*, por Gil Vaz; *Camilo Pessanha*, por João de Castro Osório; *Apoteose*, por Carlos Queiroz; *O menino da sua mãe*, por Fernando Pessoa, etc., etc. A *Contemporanea* é uma revista que não necessita elogios. Está feita e lançada.

O MUNDO, MAIO — 1926



HA vuelto a aparecer en Lisboa, tan espléndidamente editada como en su primera época, la revista *Contemporanea*, que dirige el distinguido literato José Pacheco, gran amigo de España. *Contemporanea* continúa publicando artículos y poesías en castellano, y en su primer número dedica a la política de aproximación peninsular y de aproximación a la América ibérica un excelente trabajo de Celestino Soares, gobernador civil de Portoalegre.

También dirige un saludo, encabezando el texto, a los aviadores del «Plus Ultra», representantes de una España moderna y grande, y comenta con afecto las palabras del Rey D. Alfonso XIII, al entregar en Sevilla el terreno para el pabellón portugués de la Exposición Ibero-americana.

Es *Contemporanea*, artística y políticamente, una revista que honra a Portugal. Y abierta, como está, a las plumas y a los intereses españoles, que son en esa inmensa zona del peninsularismo y del ibero-americanismo idénticos a los de la nación vecina y hermana, debe inspirar aquí el más vivo interés y la más cordial simpatía

LA NACIÓN, 8-6-926

SOL

BI-SEMANÁRIO REPUBLICANO

DIRECTOR

CELESTINO SOARES

POLÍTICA

BELAS ARTES

CRÍTICA

PUBLICA-SE ÀS

QUARTAS FEIRAS

E DOMINGOS

EDIÇÃO DA GRANDE REVISTA MENSAL CONTEMPORANEA

PREÇO 50 CENTAVOS